GRUPO PARLAMENTAR
DO PARTIDO SOCIALISTA - AÇORES

LEMBRAR ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhores Deputados

Adriano Correia de Oliveira morreu há 25 anos, a 16 de Outubro de 1982. Tinha apenas 40 anos e deixava para trás um vasto espólio de melodias que testemunharam o seu amor pela vida e pela cultura portuguesa, bem como a sua luta infindável pela liberdade. A cultura e a música ficam mais pobres.

Natural do Porto, onde nasceu a 9 de Abril de 1942, Adriano Maria Correia Gomes de Oliveira tinha poucos meses quando se mudou para a Quinta de Porcas, em Avintes. Criado num meio familiar tradicionalista e católico foi em Avintes que fez a instrução primária e que primeiro se interessou pelo mundo da arte: iniciou-se no teatro amador e ajudou a fundar a União Académica de Avintes. Este dinamismo e interesse de Adriano pelo teatro, pela música e pela cultura tornar-se-iam ainda mais evidentes quando o cantor, após ter concluído o curso dos liceus no Porto, entrou para a Universidade de Coimbra. Tinha então 17 anos e o objectivo de se formar em Direito, o que nunca viria a acontecer.

Em Coimbra, Adriano foi encontrar um meio universitário que começava a despertar colectivamente para a contestação pública do regime de Salazar e a ir para a rua enfrentar a repressão policial. A revolta estudantil contra o decreto 40.900, o qual atentava contra a autonomia da Universidade, que acabou numa violentíssima carga policial contra os estudantes, no Largo da Portagem, foi o baptismo de fogo para muitos caloiros na vida coimbrã. Também nesta altura Coimbra viveu a maior manifestação de massas de que há memória, quando o general Humberto Delgado lá se deslocou em campanha presidencial.

Foi esta Coimbra universitária que acolheu Adriano. Uma universidade conservadora, parada no tempo, em que a grande maioria dos « lentes» alinhava com Salazar. Uma Academia prisioneira de praxes sem sentido. Um estatuto feudal das raparigas universitárias, que só na Queima das Fitas as libertava para bailes e cortejos. Uma incultura, quase generalizada, de sebentas e vulgaridades, onde a poesia e a literatura não moravam.

Ao lado desta realidade caduca e entorpecente havia resistentes, uma minoria de estudantes cultos e preocupados em remar contra a maré, como José Niza, Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, José Carlos Vasconcelos, António Barreto, Rui Vilar, Daniel Proença de Carvalho, José Afonso e outros mais que contribuíram para que se abrissem as portas de Abril, a quem presto a minha singela homenagem de agradecimento.

Os anos 60 –sobretudo 1961— foram um terramoto de grau 5 na escala da liberdade: não deitaram abaixo o regime, mas abriram brechas nas paredes e nas consciências, ao mesmo tempo que uma lista de esquerda, liderada por Carlos Candal, ganhava a Associação Académica ao fim de muitos anos e começava também a guerra colonial em Angola.

Tudo isto e muito mais, transformou Coimbra numa espécie de «república independente», onde a luta se reforçou em diversas frentes, a maioria delas culturais, sendo que a mais eficaz, mais portátil e mais sedutora foi a da poesia em fusão com a música.

Colaborou em inúmeras serenatas, em manifestações musicais e cultivou, por gosto e com muita qualidade, a balada (um género de música que José Afonso traz para o campo artístico, de que é, porventura, o melhor intérprete). Ao mesmo tempo, embrenha-se na recolha, na selecção e gravação de canções populares, desde as ilhas a todos os cantos do continente, onde sobressaem trechos do riquíssimo folclore minhoto, beirão e açoreano.

As gravações feitas no antigo regime são um testemunho do seu profundo amor à causa da liberdade, para a qual sempre deu o seu melhor, no sentido de levar mensagens e um pouco de conforto aos companheiros exilados, presos ou que tinham de sufocar as ideias democráticas. Foi um baluarte na defesa da Liberdade e na implementação da chamada "canção de intervenção, com a tal finalidade de reconfortar e animar os companheiros da vanguarda e da retaguarda e manter bem viva a chama da Esperança e da tão ambicionada Liberdade.

Citando Manuel Alegre, a "voz do Adriano era uma voz alegre e triste. Solidária e solitária, havia nela ternura e mágua, esperança e desesperança, amparo e desamparo, festa e luta. E também saudade e fraternidade. Nenhuma outra voz portuguesa, com excepção da de Amália Rodrigues e **José Afonso,** está tão carregada desse não sei quê antigo que trazemos no sangue, como o apelo do mar e o amor da terra, como toada e o som do nosso próprio ser, do seu ritmo secreto, da sua música primordial. Voz de

Fado e de destino, herança talvez do mouro e do celta que nos habitam, a voz de Adriano tinha também o masculino apelo do rebate e do combate. Era uma voz que precisava de poesia e de que a poesia precisava".

Há vozes que se tornam símbolos de libertação porque souberam identificar-se historicamente com as melhores aspirações de um povo. As do Zeca e do Adriano pertencem a essa categoria restrita definidora de uma pátria. Muitos silêncios e de vária ordem, tentaram matar muitas vezes o Adriano, como se a sua obra não resistisse ao tempo. Esqueceram-no, ignoraram-no, arrumaram-no no sótão das inutilidades e mais grave que no período salazarista, agora não devido à censura, mas por obra e graça de uma ingratidão manifestada num Alzheimer colectivo, mas ele venceu a mediocridade e a estupidez. E 25 anos depois da sua morte aí está ele de novo, pela sua voz e pela voz das novas gerações que descobriram nele inspiração futura.

Como democrata e defensor de ABRIL não ficaria bem comigo próprio, se não prestasse esta singela homenagem ao Adriano, nesta Assembleia, símbolo maior da Democracia e da Autonomia.
Fico a ouvi-lo na diversidade do seu canto. Subitamente, pareceu-me que o fio do tempo se diluíra e que o Adriano batia à porta, com a sua viola debaixo do braço, com as suas cantigas e as suas trovas, e se juntava a nós para lembrar, como um aviso, que " há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não".

Disse.

Horta, 24 de Janeiro de 2008

O Deputado Regional

Nuno Amaral